



Na história de Israel, os profetas e as profetisas sempre se moveram pela certeza de que Deus é justo e o povo se afastou d'Ele.

O povo rompeu a aliança com Deus. Desse modo, a estrutura da sociedade ficou fraca, tornando-se presa fácil para os dominadores que os subjugavam, expulsavam-nos da própria terra e os exilavam.

Os reis da monarquia de Israel e de Judá, que deviam zelar pelo povo, não o fizeram. Eles não tomaram as devidas providências. Faltou coerência entre a vida e o culto. O culto deixou de ser expressão de honestidade. O Templo onde se realizava o culto tornou-se um covil de ladrões (cf. Jr 7,1-15; Am 2,6-16; Mt 21,12-13). O profeta chegou a usar a pedagogia do medo para fazer o povo voltar ao caminho de Deus. Textos proféticos, como Salmos 6.15[14] e Isaías 33,14-16, ao descreverem uma verdadeira liturgia de acesso ao Templo, afirmam que só quem é justo pode aproximar-se de Deus; ou seja, apenas aquele que fala o que é reto despreza o ganho explorador e se recusa aceitar o suborno.

A enumeração em ordem decrescente das coisas que os profetas mais denunciavam era injustiça nos tribunais, comércio, escravidão, latifúndio, salário, tributos e impostos, roubo, assassinatos, garantias e empréstimos, luxo¹. Por mais estranho que pareça, era o poder legislativo que recebia

Ação profética na história de Israel

mais denúncias por parte dos profetas. Os acusados alternavam-se entre juízes, legisladores, reis e seus funcionários. Os que sofriam a má administração da justiça faziam parte do tripé, tão caro na defesa profética: pobres, viúvas e órfãos. A esses era negado até mesmo o direito de reivindicar a justiça. A lei passou a defender a classe dirigente, a qual passou a garantir, com isso, os direitos e bens adquiridos à custa do sofrimento dos pobres (cf. Am 6,1-7). Qualquer semelhança com nossos dias é mera coincidência. Para melhor visualizar a ação profética na história de Israel, vamos por partes.

A MONARQUIA

Desde seu surgimento, a monarquia em Israel recebeu duras críticas do profeta e último dos juízes, Samuel (cf. 1Sm 8). Ela continuou, ao longo dos séculos, sendo criticada pelos profetas. Há, porém, divergências nas soluções apresentadas para mudar o sistema de governo na monarquia. Alguns, como Amós, Oseias, Miqueias e Sofonias, acreditavam que devia desaparecer. Outros, como Eliseu, Proto-Isaías, Jeremias, Ezequiel e Zacarias I, defendiam que devia ser mantida e reformada como mudanças de governantes.

No período que se estendeu desde o surgimento da Monarquia Unida em Israel

(1030 a.E.C.) até o século 8º, quando Amós iniciou sua atividade profética, encontramos profecia relacionada com a corte. Sicre², referindo-se a esse período, falou de três etapas:

- a) proximidade física e distanciamento crítico em relação ao monarca;
- b) distanciamento físico entre o profeta e o rei;
- c) distanciamento progressivo da corte e aproximação cada vez maior do povo.

Os profetas Gad e Natã viviam na corte e representavam o primeiro grupo. Aías de Silo e Miqueias, filho de Jamla, não frequentavam os palácios. Eles mostravam que o compromisso deles era com o que “Deus lhes mandou dizer”. Apoiavam os reis e chegavam a anunciar-lhes a destruição de suas dinastias. Elias representava o terceiro grupo. Caso necessitasse de um profeta, o rei deveria procurá-lo fora da corte (cf. 1Rs 18,10). E, com muita dificuldade, o monarca ia encontrá-lo. Elias não se dirigia ao palácio de Acab. A partir de Elias, o profeta passou a falar ao rei por ele ser autoridade política e religiosa, mas sua atuação estava, sobretudo, junto ao povo (cf. 1Rs 17, 9-24). Eliseu, seguindo os passos de seu mestre Elias, tornou-se um dos profetas mais populares do Primeiro Testamento³. Nas pegadas de

Elias, o profetismo em Israel foi marcado pela oposição à monarquia.

OS IMPÉRIOS

A Bíblia é uma longa história de sucessivas dominações de impérios sobre o povo de Deus. Os impérios do Egito, da Assíria, da Babilônia, da Pérsia, da Grécia, da Síria e de Roma, consecutivamente, dominaram sobre o povo de Deus. Foi somente no período dos reinados de Davi e Salomão (1010 a 932 a.E.C.) é que Israel pôde viver certa liberdade política e econômica. Hoje, por meio da arqueologia, sabemos que a monarquia davídica e salomônica não foram grandiosas assim como relatam os textos bíblicos. O poder dos impérios jamais permitiu a supremacia de Israel. A questão é mais teológica que real⁴. Os profetas e as profetisas, em relação aos impérios, tiveram duas atitudes básicas:

- a) conformação dos impérios com a vontade de Deus (Primeiro Isaías; Ezequiel; Jeremias e Segundo Isaías);
- b) condenação dos impérios, por eles serem incompatíveis com a vontade divina (Naum, Ageu, Zacarias, Profetas anônimos de Jerusalém [cf. Is 13,14,4-21.21,1-10.47; Dn; Am 6,1-7]).

Em relação ao primeiro ponto, podemos dizer que a aceitação do profeta à dominação de um império sobre Israel aconteceu quando ele percebeu que o povo desviou-se da aliança e, portanto, precisava de uma correção divina.

A submissão acabava sendo a única forma de sobrevivência ►

A visão de Ezequiel (c. 1630), Francisco Collantes

do povo; caso contrário, sua aniquilação seria total. Aqui, vale citar Jeremias, ao afirmar que o império babilônico fora um instrumento de castigo usado por Deus.

A segunda atitude, a da condenação dos impérios, predominou na maioria dos profetas, como também em Jeremias (cf. Jr 46-49). O peso da opressão era tamanho, que ninguém poderia aceitar o dominador como solução para a conversão.

AS CAPITAIS SAMARIA E JERUSALÉM

As capitais de Israel e de Judá, Samaria⁵ e Jerusalém, respectivamente, receberam especial destaque na crítica profética e soluções diferenciadas. A Jerusalém, de modo particular, apresentaram como solução desde sua destruição total até sua reconstrução, a partir de uma intervenção divina. Entre os profetas que defenderam a primeira posição, destacam-se: Miqueias, Hulda, Sofonias, Isaías II. Já os defensores da segunda posição foram: Abdias, Isaías I, Isaías II, Ageu, Zacarias I, Isaías III, Zacarias II. Vale citar que Amós teceu duras críticas a Samaria.

O LATIFÚNDIO

A questão da apropriação indevida das terras, com consequente criação de latifúndios (não como entendemos o termo hoje, pois Israel não possuía terras em abundância, a ponto de caracterizarem-se como latifúndios), deveria ter papel importante no Israel agrário. Ocorreu, porém, o contrário, pois foram somente Isaías e Miqueias que trataram mais claramente dessa questão⁶. Profetas como Amós e Malaquias, dos quais se esperaria manifestação, dada a evidência da problemática em seu tempo, não pronunciaram nenhuma palavra a respeito. Miqueias, no entanto, propôs uma reforma agrária.

O “DIA DO SENHOR”

A expressão “Dia do Senhor”, bem conhecida entre os israelitas, foi considerada de modo diferenciado pelos profetas. Amós disse que esse dia não será de bênção e de felicidade, como esperava o povo eleito, mas de trevas. Sofonias e Ezequiel falavam



Ezequiel profetizando (1866), Gustave Doré

de “Dia de Ira”. O Proto-Isaías, Jeremias, Sofonias e Joel chamaram “Dia de Trevas, Lágrimas, Massacre e Terror”. Eles relacionaram esse dia à invasão do opressor.

Durante o Exílio na Babilônia, o “Dia do Senhor” ganhou a conotação de dia de esperança. A ira de Deus voltar-se-ia contra os opressores e, por conseguinte, Israel seria libertado, conforme Abdias, Primeiro Isaías, Jeremias, Ezequiel e Joel.

Depois do Exílio, o “Dia do Senhor” tendeu a ser um “Dia de Julgamento” que garantiria o triunfo dos justos e a ruína dos pecadores, segundo Malaquias. Concluindo, podemos dizer que, dependendo do contexto e do ponto de vista do profeta, o “Dia do Senhor” foi interpretado como o dia de esperança, bênção, paz, lágrimas, terror e julgamento.

OS PECADOS DO POVO

Joel foi o único profeta que não condenou os pecados do povo. Ele somente insistia na penitência ritual. O Segundo Isaías, por sua vez, aludia aos pecados, porém tal atitude tem o objetivo pedagógico de mostrar que a iniquidade de Israel está expiada (cf. 40,2). Mais que ameaçar o povo, como o fez o Primeiro Isaías, o Segundo Isaías mostrou um Deus consolador: “Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus” (Is 40,1).

A CONVERSÃO

A conversão do povo foi proposta por muitos profetas, como: Amós, Baruc, Proto-Isaías, Sofonias, Jeremias, Ezequiel e Primeiro Zacarias, embora alguns não acreditassem que seu povo seria capaz de realizar tal proposta. Somente uma intervenção divina, que concedesse o perdão, poderia mudar a realidade. O Segundo Isaías, falando da conversão dos pagãos ao Senhor, foi mais ousado. Do mesmo modo, Jonas chegou a anunciar a conversão da capital do império assírio, Nínive.

OS MILAGRES

As ações milagreiras de Elias, Eliseu (cf. 1Rs 17,8-24; 2Rs 4,1-8,15) e Jesus mostraram que a ação do profeta não é só de falar em nome de Deus, mas também de devolver a vida ao povo, o que lhe restitui, por conseguinte, a esperança em uma vida melhor.

CONCLUSÃO

A presença dos profetas e das profetisas na história de Israel, que a Bíblia nos legou, foi marcada pela diversidade de pensamento e atuação conforme a leitura da realidade que eles faziam a partir de Deus para com Seu povo.

REFERÊNCIAS

- ¹ SICRE DIAZ, J. L. *Profetismo em Israel: o profeta; os profetas; a mensagem*. Petrópolis, Vozes, 1996. p. 367.
- ² Ibidem, p. 236-237.
- ³ Ibidem, p. 238.
- ⁴ FARIA, Jacir de Freitas (Org.). *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ⁵ Quando a monarquia se dividiu, Israel, o Reino do Norte, teve, em seus 209 anos de existência, três capitais: Siquém, Tersa e Samaria, a que mais se destacou.
- ⁶ Um aprofundamento da questão em Miqueias encontra-se em: TAVARES ZABATIERO, J. P. *Miqueias: a voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes, 1996.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma www.bibliaepocrifos.com.br



Arquivo pessoal